



Portinari, 1944.

HISTÓRIA

Extra CLASSE

FUNERAL DE UM LAVRADOR

Esta cova em que estás
 Com palmos medida
 É a conta menor
 Que tiraste em vida
 É de bom tamanho
 Nem largo nem fundo
 É a parte que te cabe
 Deste latifúndio
 Não é cova grande
 É cova medida
 É a terra que querias
 Ver dividida
 É uma cova grande
 Para teu pouco defunto
 Mas estarás mais ancho
 Que estavas no mundo
 É uma cova grande
 Para teu defunto parco
 Porém mais que no mundo
 Te sentirás largo
 É uma cova grande
 Para tua carne pouca
 Mas à terra dada
 Não se abre a boca

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Eis que o singelo dá-se a conhecer em palavras marcadas, impressas as ideias em páginas escudadas por telas de "gadgets". Jornal aos punks adormecidos, às revolucionárias. Aos que furam a bolha do pé, extremidade do corpo outro dia conformada com as pedras, as pedras no meio do caminho.

Sabem que a poesia afeta, provoca e incendeia. Poesia queima-fogo, poética-divergente e político-divergente. ConsCIÊNCIA das classes sociais, gramaticais e da História, consCIÊNCIA das grades escancaradas em cada texto. Apareceu um jornal: floresça a juventude em suas páginas-de-tela.

EVENTO
 DE
 LANÇAMENTO
 DO POÉTICO E
 PRESENTE
 JORNAL
10/12
 CEPI Aécio
 Oliveira de
 Andrade

10 AM

História Extraclasse

COMITÊ EDITORIAL

Adriano Côrrea Rainha
 Anna Clara de Souza Melo
 Eduarda Batista Chaves
 Fernando Costa e Silva
 Mirian Beatriz dos Santos Rios
 Ricardo de Castro e Silva

SECUNDARISTAS COLABORADORES

Ísis da Costa Moraes
 João Batista
 Kauany Muniz Santos

EDITOR-GERAL

Fernando Costa e Silva



Literatura

Literatura é a arte de transformar palavras em emoção, tempo em lembrança e papel em espelho da vida. É o jeito que o ser humano encontrou para eternizar seus sonhos, dores e esperanças. Desde as antigas epopeias, como as de Homero, até os romances modernos, a Literatura conta tudo o que somos: nossa história, nossos amores, nossos medos e até nossas loucuras.

Lições de quem aprendeu observando

Sempre fui uma pessoa simples, acostumada à minha rotina: meus alunos, minhas aulas, meu quadro e meu leite com Toddy antes da primeira turma. Já conhecia o ritmo, as brincadeiras, até o momento em que a turma já sabia que viria piada. Mas, dessa vez, o cenário era outro.

Decidi me aventurar em uma nova jornada. Entrei novamente na graduação, cursando outro curso, também na área da Licenciatura, mas pouco relacionado com a disciplina em que atuo. Chegamos ao momento do Estágio: entrei em uma nova escola, com novas caras, novos jeitos e uma rotina que ainda não era a minha.

O curioso: dessa vez, eu não era o “professor do show”. Era como se eu tivesse sido convidado para um churrasco, mas sem poder pegar a carne. Minha missão? Observar. Como um espião, porém sem óculos escuros, e sim de lentes, sou míope, o que não impediria um olhar bem atento.

A literatura pode ser poesia, que canta o sentimento, pode ser conto, que retrata um instante, pode ser romance, que mergulha fundo na alma, ou teatro, que dá vida às palavras. Em cada gênero, mora um pedacinho da humanidade.

Mais do que letras, a literatura é memória e resistência. É o modo mais bonito que o homem encontrou de conversar com o passado e ensinar o futuro. Ler é viajar sem sair do lugar, é viver mil vidas em uma só.

Kauany Muniz Santos
CEPI Aécio Oliveira de Andrade

Sem disfarce, observar os alunos, o professor, a coordenação... tudo. E não, antes que pensem, eu não estava ali para julgar ninguém. Minha missão era mais nobre (e silenciosa): aprender.

E aprendi. Aprendi a ouvir mais, o que, convenhamos, não é fácil para quem gosta de falar. Aprendi a dialogar com os alunos de outro jeito, a pensar o mundo com mais calma e até a raciocinar a aula de maneira diferente. Descobri que ensinar não é só falar bem, é saber se calar na hora certa.

Jamais me esquecerei de momentos como aquele em que o Professor Ricardo colocou uma cadeira em cima da mesa e encenou o guilhotinar de Luís XVI. Nunca vou me esquecer da concentração dos alunos, no exato momento em que a sala de aula se transformou em paleo da encenação de um evento histórico.

Não fugirá da minha memória momentos em que o professor regente possibilitou que seus alunos e estagiários dessem aulas, por iniciativa deles. Com cuidado, calma e naturalidade o docente deu abertura, espaço e oportunidade, mostrando que o papel do professor não é só dar aula.

Percebi que lecionar não é apenas “subir no palco”, mas saber quando deixar o aluno brilhar. É também criar espaços para que os outros falem, participem, questionem. No fim das contas, o professor-espião saiu da missão com mais lições do que esperava. E o melhor: sem precisar de disfarce, apenas com humildade e um bom bloquinho de anotações, ou melhor, com um simples celular, com páginas e mais páginas cheias de anotações do que eu ouvi, do que eu vi e do que eu aprendi.

Adriano de Moraes Rainha
Faculdade de História - FH UFG

CAÇA POR ESPORTE

Olá, sou a Coelha
Que caçador vida caçou,
E não buscou.

Diz que é por esporte,
Já eu acho que para deixar o ego mais forte.

As formigas cavam a cova para me enterrar.
Resolveram me caçar
Mas sou tão inútil que ficaram com preguiça
de buscar.

Meu corpo começa a mojar, feder,
e isso dói,
Não para de doer.

ANIMAIS SEM RUMO

De terno e gravata.
Ou de roupa rasgada
carregando lata.
Como o mesmo olhar.
Olhar de alguém que a
vida maltrata.

Deixaram a vida vos
levar.
Vida leva eles...
Agora o transporte
público vão ter que
pagar com a vida
levando o que era
deles.

FOTOGRAFIA

Ah, meu velho álbum de fotografia...
Essas lacunas preenchem-se com pastas que o
globo ocular de minha mente há tempos não via.

Tristeza e alegria andam juntas lado a lado, nesse
sorvete quente de insana e estranha Harmonia.

Um dia decidi marcar o que me marcou,
E hoje em dia,
Tocam as trombetas dessa melódica e caótica
sinfonia.
Mama mia!

Revejo traumas
Como alucinações de esquizofrenia.
Ah, meu velho álbum de fotografia...

A poesia é o maior de meus anseios

Kauany Muniz Santos

O Carlos...

Difícil até colocar em palavras o tanto que eu gosto dele. É como tentar descrever o pôr do sol: dá pra falar das cores, do brilho, do calorzinho que fica no peito, mas a beleza mesmo, só quem sente entende.

Carlos tem um jeito que encanta sem fazer esforço. Um sorriso que parece bagunçar o mundo e arrumar o coração da gente ao mesmo tempo. Quando ele fala, até o tempo dá um jeitinho de parar pra ouvir. E eu fico ali, besta, achando graça de cada palavra, de cada risada, de cada detalhe que é tão “ele”.

Gosto do Carlos do jeito simples e verdadeiro, sem precisar de explicação bonita. Gosto porque ele me faz sentir bem, porque ele tem uma energia boa, porque é diferente.

E se for pra resumir tudo isso, eu diria só: gosto do Carlos, e pronto. Porque quando o coração fala, não precisa de muito enfeite.

No silêncio da imagem

Nem foi preciso dizer palavra, tua presença já falou por ti. Teu corpo, poema que se grava no olhar de quem passa por aqui.

Não é só beleza que encanta, é a paz que tua vibe espalha. É o jeito de ser, que acalma, que faz o tempo parar sem falha.

Tu é retrato de leveza e calor, como um raio de sol na janela. Tem algo em ti que é puro amor, até o espelho se acha aquarela.

Para Nathalia Barbosa

Nathalia, nome que dança no vento, feito rima solta no pensamento, é forte, feito tronco em tempestade, e bela, com a alma em liberdade.

Nos olhos, há fogo e calmaria, uma estrela que acende o dia. Teu riso é ponte sobre o abismo, teu abraço, um porto sem egoísmo.

Amiga de luz, flor de coragem, que caminha firme em sua paisagem. Não teme a dor, mas sabe acolher, e quando ama, é pra valer.

Nathalia, és verso que abraça, és muralha e também graça. Em ti mora o raro encanto, que faz do mundo um pouco mais santo.

Que nunca te falte espelho sincero, nem amor puro, nem sol verdadeiro. Pois quem te tem como amiga fiel Houve da vida um doce carrossel

Carlos

Teu sorriso, Carlos, é doce abrigo, tem o dom de acalmar o perigo. É farol que brilha em mar agitado, um riso manso, encantado.

Ao teu lado, tudo ganha leveza, até o caos parece natureza. Teu olhar fala em calma e bondade, tua presença é pura amizade.

E se a vida pesa, basta te ver, pra o mundo inteiro florescer. Es paz, riso e calma em um só ser.

Encanto

Amar-Te é viver no mais belo jardim, onde cada instante não tem fim. Encanto, em Ti encontro morada, meu sonho, meu porto, minha estrada.

Sei que em Teus olhos habita a luz, um lugar onde o amor reluz. Encanto, contigo aprendi a sonhar, e em Teus futuros abraços para sempre ficar.

Em Teus olhos vejo mundos a descobrir, e no Teu carinho aprendo a sorrir.

Clér

Clér, tua aula é tipo série boa: a gente quer mais e nunca enjoia. E se alguém disser que prof não tem poder... é porque nunca teve aula com você!

Ah, Clér, poesia em forma de gente, prof tão linda, tão soridente... Que sorte tem quem te encontra no caminho, porque até o cansaço vira carinho.

Linda? Rapaz, isso é covardia! É beleza com pós-graduação em alegria. Se fosse remédio, vendia sem receita porque cura até preguiça e dor de cabeça!

Linda, engraçada, professora demais, chega e vira o caos em paz. Se tivesse concurso de sorriso e humor, Clér ganhava ouro, prata e amor!

Cores de todos nós

No mesmo céu, cada estrela brilha, Mesmo que algumas precisem de uma mão amiga. Cada voz tem lugar, cada olhar merece ser visto, Cada coração pulsa, cada sonho é infinito.

Não há diferença que diminua a essência, Não há barreira que apague a presença. Se alguém tropeça, seguramos sua mão, Se alguém fala, ouvimos sua canção.

A cadeira, a rua, a escola, o palco, Tudo se transforma quando há espaço. Para quem anda, para quem rola, para quem voa, Para quem sorri, para quem chora, a vida ecoa.

A inclusão não é só gesto, é poesia, É ver beleza na diversidade do dia a dia. É respeito que se aprende, é amor que se faz, É entender que juntos, somos muito mais.

Música e Cultura de Resistência

Lançada em 26 de agosto de 2025 como primeiro single do álbum CARRANCA, “Deus” representou uma virada na carreira da cantora Urias. Diferente de seus trabalhos anteriores, voltados ao pop eletrônico, o novo álbum mergulha nas raízes afro-brasileiras e na ancestralidade. A música “Deus” foi produzida por Nave Beatz e Rodrigo Gorky, com um sample de canto folclórico negro por José Prates.

Em entrevista ao portal “Mundo Negro”, Urias explicou que o verso “levaram Deus e é por isso que eu não amo nunca mais” fala sobre o apagamento religioso imposto aos povos africanos durante a colonização. Urias explicou a referência a esse “Deus que foi tirado dos povos da África e apagado da memória quando fomos trazidos para o Brasil”, sendo a lírica “uma expressão de raiva diante da colonização” simultânea ao imperativo de “busca por liberdade”. A canção de Urias e Criolo faz lembrar que a colonização não foi “apenas” um processo de dimensões econômicas e territoriais, mas também cultural e social, tendo havido ações sistemáticas visando a destruição das culturas africanas e indígenas.

A proibição das práticas religiosas de matriz africana seguiu um modus operandi violento. A música referencia “quizumba” (significa confusão, festa, mas também pode significar trabalho espiritual) e traz símbolos das religiões de matriz africana, mostrando como essas práticas resistiram apesar da perseguição. Em entrevista para a “Rolling Stone Brasil”, Urias ressalta que “fomos colonizados internamente, não só no corpo”.

A cantora lembra que os efeitos da colonização vão além das estruturas econômicas e sociais, estando presente na forma como pensamos, sentimos e nos relacionamos com nossa própria identidade. Alguns conceitos que podemos pensar, a partir da música, para entender o processo de colonização e suas consequências até hoje são: representação, memória, trauma histórico, resistência cultural e identidade.



Urias e Criolo, ensaio de divulgação de “Deus”.

O historiador Marcos Napolitano diz que a música não apenas reflete a sociedade, mas age politicamente. Ao ressignificar símbolos religiosos, Urias está fazendo política através da arte, também disputa o direito de contar a História. Em entrevista para TMDQA!, a cantora declarou sobre o álbum: “Eu quis resgatar a história, resgatar fatos e trazer novas discussões”. Não apenas na letra, mas nos elementos musicais que remetem às tradições africanas e afro-brasileiras. A própria música, sua sonoridade e ritmo, apresenta elementos da cultura, portanto também são formas de resistência cultural. Reitera-se, então, a ideia de Marcos Napolitano sobre o uso de músicas para uma análise histórica.

Anna Clara de Souza Melo
Faculdade de História - FH UFG

Artista: Urias ft. Criolo
Música: Deus

Eu cheguei, não vi ninguém na entrada
Mentiram pra mim:
Eram sete instrumentos, sete dias, sete pragas
Não me esqueci do tom de azul da noite
Bicho terreno, eu procurei o sol
Ainda ouço o estalo do quebrar das asas
Me lembro bem...
Que me roubaram demais

Levararam Deus
E é por isso que eu não amo nunca mais
Levararam Deus
E é por isso que eu não amo nunca mais

Sete vidas tem a gata
Cê não vai ver uma
Minha bunda bate no teu olho (eu escolho)
Tem inveja nessa casa, eu faço uma quizumba

Esse brilho cega o seu olho (eu que escolho)
Vaidades vêm (vêm)
Os placo vão (vão)
Você é quem? (quem?)
Na multidão

Rezar pra Deus (Deus)
Seu Deus é quem? (quem?)
Você matou — e disse amém

Levararam Deus
E é por isso que eu não amo nunca mais
Levararam Deus
E é por isso que eu não amo nunca mais

Os meus joelhos dobrados cantam
Homem nenhum quis ouvir
Por isso eu me orgulho
Eu rio, eu vento, eu faço...
Deixar de existir (oooh)

Levararam Deus
E é por isso que eu não amo nunca mais
Levararam Deus
E é por isso que eu não amo nunca mais
Levararam Deus
E é por isso que eu não amo nunca mais

Urias, Criolo, Nave, Gorky, Giovani Cidreira
Warner Chappell



O QUE O PASSADO TEM A VER COM A MINHA VIDA?

Sabemos quais são as três perguntas que baseiam a nossa existência aqui na Terra: "De onde eu vim?" "Quem eu sou?" Para onde eu vou?". Diferentemente da filosofia, a nossa querida ciência histórica tem apenas uma pergunta mais prática e que pode ser respondida: "Por que?" - "Por que as coisas são como são?"

Se você quer entender isso, talvez uma graduação de longos 4 anos e 6 meses vai te ajudar. Mas, como tenho só 30 linhas e talvez você nem leia tudo, vou tentar explicar do porque o passado tem a ver com sua vida e provavelmente a escolha do seu futuro. E não, o passado não é determinista, mas, ele pode ser nossa principal ferramenta de orientação.

Um pensador alemão chamado Jörn Rüsen tem uma ideia que responde isso. Ele diz que o principal objetivo de estudar História não é memorizar a data da Proclamação da República, mas sim desenvolver a nossa **CONSCIÊNCIA HISTÓRICA**.

Consciência Histórica é a capacidade que todo ser humano tem de dar sentido à sua vida no tempo. É um conjunto de operações mentais que fazemos o tempo todo, mesmo sem perceber. Rüsen define a Consciência Histórica como a forma como interpretamos nossa experiência do passado para podermos nos orientar e agir intencionalmente no presente e no futuro. (Rüsen, 2015, p. 34) Parece complicado, mas vamos dividir isso em três partes que funcionam como os 'olhos' da nossa consciência:

O QUE É	O QUE FAZEMOS	A FUNÇÃO
Passado (Experiência)	Olhamos para trás e reconhecemos o que mudou (ou permaneceu).	Onde estamos e como chegamos aqui?
Presente (Interpretação)	Atribuímos um significado ao que aconteceu, montando uma narrativa (história).	O que isso significa para mim agora?
Futuro (Orientação)	Usamos esse significado para tomar decisões e planejar nossas ações.	Como devo agir a partir de agora?

Para entender, vamos sair do livro didático e ir para uma situação pessoal. Olha esse cenário: Seu grupo de trabalho da escola está com problemas. No início todos ficaram empolgados, mas o prazo está acabando e a nota está em risco.

• EXPERIÊNCIA (Passado):

- Você olha para trás e reconhece o que deu errado: "Nós marcamos três reuniões e só fomos a uma." "O João não entregou a parte dele e a Maria fez o trabalho dela em cima da hora."
- Sua consciência registra a diferença entre o ideal (o planejamento) e o real (o que foi feito).

• INTERPRETAÇÃO (Presente - História que Você Conta):

Você precisa dar um sentido a essa crise. O que aconteceu?

- Interpretação A (Narrativa Tradicional/Síndrome de Adão): "O grupo falhou porque o João é irresponsável. Ponto final. A culpa é dele e o grupo vai mal por causa dele."
- Interpretação B (Narrativa Crítica): "O problema é que o grupo não se organizou direito (falta de cronograma). O João não entregou, mas será que ele sabia exatamente o que fazer? Além disso, a Maria só fez em cima da hora porque as responsabilidades não estavam claras."

Este é o momento histórico: Você está construindo uma narrativa para explicar as falhas passadas e dar sentido ao fracasso iminente.

• ORIENTAÇÃO (Futuro - Ação):

- Sua ação será definida pela história que você contou:
- Se escolhe a Interpretação A: A orientação é: Reclamar da nota e culpar o colega ("Na próxima, eu não trabalho mais com ele e repito o mesmo método de sempre").
- Se escolhe a Interpretação B: A orientação é: Mudar o método e buscar soluções ("Preciso refazer o cronograma e garantir que as responsabilidades fiquem claras para todos, incluindo o João. Aprendi que o problema não é só individual, mas de como nos organizamos.").

Conclusão do Exemplo: Você só consegue se orientar e decidir sobre como agir na próxima vez (no próximo grupo) ou como salvar a situação agora, porque conseguiu interpretar e dar sentido à sua experiência passada de conflito. Isso é Consciência Histórica em ação!

O objetivo da aula de História é justamente aprimorar essa sua consciência, tirando-a do nível pessoal e levando-a para o nível social e coletivo.

O professor de História não quer que você vire um depósito de datas. Ele quer que você se torne um intérprete qualificado do seu tempo. Ao aprender sobre o passado da sociedade, você treina sua Consciência Histórica para dar sentido ao mundo de hoje e, assim, ter mais ferramentas para orientar a sua vida prática e transformá-la.

A História é a ferramenta para que você não apenas viva no tempo, mas consiga navegar por ele de forma intencional.

Como não é a redação do Enem, me empolguei, mas na redação é só 30 linhas, viu?

SEM CONSCIÊNCIA HISTÓRICA	COM CONSCIÊNCIA HISTÓRICA
Você vê a crise climática como um problema de hoje.	<i>Você entende que a crise climática é resultado de processos históricos de industrialização e consumo que começaram há séculos.</i>
Você acha que a desigualdade no Brasil é 'normal' ou 'natural'.	<i>Você reconhece que a desigualdade é fruto de estruturas históricas (escravidão, concentração de renda) que persistem e se transformam no tempo.</i>
Você baseia suas decisões em achismos ou repetição do que sempre foi feito.	<i>Você utiliza o conhecimento sistematizado sobre as experiências do passado para tomar decisões mais críticas e fundamentadas sobre seu futuro (o seu e o da sua comunidade).</i>

Referência Bibliográfica

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História: uma teoria da história como ciência**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

Panorama das Artes



Obra sem título. Fotografia produzida por Mirian Rios em 2025, durante exposição do artista Walter Pimentel na Cerrado Galeria de Arte, em Goiânia.

Foi entrevistado o artista plástico goiano Walter Pimentel

1. Qual o nome da obra? E quando ela foi realizada?

WP: Sem título. Ela foi realizada em 2024 para minha exposição individual. Às vezes deixo a obra sem título porque senão ele (o título) cria uma narrativa, cria uma história. Quando tem título, ele direciona demais a narrativa, fecha demais o trabalho. Mas em alguns trabalhos eu coloco sim o título.

2. Quais foram as inspirações para criar a obra?

WP: Se eu fosse dar uma inspiração seria o Cartão Fúnebre. Vi essa fotografia de uma familiar meu, dos meus pais e avós. Ele me chamou atenção no cartão fúnebre dele, porque morreu cedo, e também tinha algumas questões, transtornos, e isso ficou na minha cabeça. Fiquei pensando em mortes prematuras e essa foto olhou pra mim de volta e eu tive que fazer o trabalho. E as outras composições, não é só a foto. Se eu fosse dar uma inspiração mesmo é um cartão fúnebre, não é só uma foto, ele tem estampas, as preces, tem orações, às vezes um poema dedicado à pessoa, aqueles santinhos de missa de sétimo dia. Não podia simplesmente pintar a foto dele sem todas essas informações, então integrei uma imagem pagã, de alguma forma acho que imagens pagãs, fotografias de família, especialmente daquela época, conversam demais.

SOBRE O ARTISTA

Walter Pimentel é um artista goiano formado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás. Pimentel desenvolve há alguns anos pinturas inspirando-se em fotos antigas de sua família materna, feitas entre as décadas de 1930 e 1980. Ao combinar essas imagens pessoais com referências religiosas ou pagãs, o artista cria obras que dialogam com memórias afetivas, símbolos coletivos e aspectos arquetípicos, explorando a mistura entre lembrança, ancestralidade e matéria pictórica.

3. Você teve algum processo de criação específico?

WP: Meu processo de criação é que eu mesmo faço minhas próprias tintas, uso pigmentos, cargas minerais, óleo de linhaça, uma batedeira de misturar massa e coloca na furadeira, e sou muito feliz com isso (risos). É muita tinta, além do custo, eu também consigo ter um controle do que eu quero, quantidade de pigmentação, textura da tinta, vai ser mais fluida ou mais grossa, a característica (se adiciono mais uma carga mineral específica).

4. Você espera que o público entenda ou pense algo parecido com sua ideia original ou que fique da interpretação de cada indivíduo? Você tem alguma expectativa em como o público vai pensar ou sentir sobre a obra?

WP: Espero que o público se sinta bem, que ele olhe e não necessariamente pense algo com minha ideia original. Penso que as artes visuais não são essa coisa literal, quero que as pessoas tenham sua própria interpretação, que se sintam bem com a obra, que gere uma reflexão, um pensamento, uma indagação talvez. Se eu tenho uma expectativa seria mais ou menos isso, por isso que eu trabalho.

Ditadura Militar no Século XX

Pesquisa realizada pela secundarista Ísis da Costa Moraes

Neste artigo, será abordado a ascensão de governos autoritários na América Latina, por meio da repressão sócio-cultural e o ápice do uso extremo da violência, por meio do militarismo.

Especificamente, essa ascenção de governos extremistas latino-americanos e caribenhos (vindos do Caribe) surge a partir de 1920, onde países como Venezuela, Cuba, Nicarágua, Peru, Haiti, e República Dominicana experimentaram esse regime. As ditaduras militares foram impulsionados pela instabilidade social, conflitos políticos (como a Guerra Fria, que foi a principal causa) e a promessa do combate à ameaças como o *comunismo* (subversão). Dessa forma, com as ditaduras militares no poder, eles impuseram regimes de excessão e repressão política, onde muitos militares tomaram governos civis, através da violência, para se manterem no controle estatal.

Muitos desses regimes militares seguiram a Doutrina da Segurança Nacional, que era o desenvolvimento econômico e social como um componente da segurança nacional. A aplicação dessa doutrina levou a uma militarização do Estado e à justificativa da repressão contra as oposições políticas, que é o uso legítimo da violência a favor da lei.

CARACTERÍSTICAS DAS DITADURAS MILITARES

- Regimes de excessão: a suspensão dos direitos civis e democráticos em nome da Segurança Nacional;
- Repressão política: uso da violência aos subversivos do regime;
- Militarização do Estado: governado pelas forças armadas militares, como controladores e agentes de repressão das instituições políticas e econômicas do Estado.

Essas ditaduras militares conseguiram impor duras derrotas às forças populares de seus países (sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais, intelectualidade crítica e imprensa independente). Nesse caso, será retratado dois governos extremistas e autoritários que estiveram presentes na América Latina: Brasil e Chile.

DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964-1985)

Se instaurou em 31 de março de 1964, com um golpe militar que derrubou João Goulart (1919-1976) da presidência do país, que era a Quarta República brasileira. A deposição de Jango (como era conhecido) foi apoiado por civis conservadores, elites econômicas, parte da mídia e setores militares.

MILITARES PRESIDENTES

- Humberto de Alencar Castello Branco (1964-1967)
- Artur da Costa e Silva (1967-1969)
- Emílio Garrastazu Médici (1969-1974)
- Ernesto Geisel (1974-1979)
- João Baptista de Oliveira Figueiredo (1979-1985)

MANIFESTAÇÕES SOCIO-CULTURAIS E RESISTÊNCIA POLÍTICA

- Movimentos Estudantis: "A Passeata dos Cem Mil (1968);
- Tropicalismo: Contracultura e renovação; surgiu no final da década de 1960;
- Música Popular Brasileira(MPB) de Protesto: driblar a censura e criticar o regime; onde surgiram os hinos de resistência no final da década de 60.

LEI DA ANISTIA (1979)

Perdoou crimes cometidos pelos opositores políticos e pelos agentes do Estado, assim como também permitiu o retorno dos exilados e a liberdade de presos políticos, iniciando-se um processo de redemocratização.

ATOS INSTITUCIONAIS

Atos Institucionais (AI's):* Apesar de ter uma Constituição promulgada em 1967, o regime utilizou os AI's e emendas que alteravam a *carta original*, sendo o pior deles o AI5, onde abriu o caminho para um regime de excessão sem nenhum pudor, onde eles cassaram, exilaram, prenderam e "desapareceram" seus opositores políticos.

Quadrinhos COMBATE



Resultante da colaboração entre estudantes do Ensino Médio e integrantes do Estágio Supervisionado da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, o jornal História Extraclasse busca promover a divulgação do pensamento historiográfico ao mesmo tempo em que fomenta a produção de histórias outras, poéticas e/ou científicas.

A presente edição conta com poema de João Cabral de Melo Neto, reprodução da obra Criança Morta, de Cândido Portinari, poético editorial-manifesto, ideia de Literatura elaborada pela estudante Kauany Muniz Santos, relato de experiência do estágio supervisionado, poemas dos estudantes João Batista e Kauany Muniz Santos, resenha do single Deus, da cantora negra Urias, matéria especial sobre o conceito de consciência histórica, entrevista com o artista plástico goiano Walter Pimentel, artigo sobre Ditadura Militar elaborado pela estudante Ísis da Costa Moraes e, por último, uma sessão de tirinhas intitulada Quadrinhos Combate.

Como disse o poeta, “redigir a vida na folha faz da vida folha viva”. Que o presente suporte sirva não somente como oportunidade de incentivo à leitura: seja também exemplo de ocupação de outros lugares da escola além da sala de aula, exercício de uma sensibilidade histórica e espaço de acolhida e mobilização de espíritos livres e dispostos ao combate.